

O HOMEM NA AMPULHETA

Bernardo Rapp

Não tinha ideia de quem era seu raptor, ou raptores, mas seja quem tivesse sido tinha pensado muito a respeito. O raptado encontrava-se preso em um objeto vítreo, translúcido e resistente, sem cores além de um pálido reflexo áureo. Olhando para cima, a fonte da cor era visível. Um disco de ouro sólido refletia sua imagem. Podia ver-se preso como se dentro de uma ampulheta. As cinturas coincidindo, quase sem espaço entre elas, movimentos praticamente impossibilitados. As mãos jogadas para cima, reduzindo um pouco a claustrofobia, quem sabe até dando uma possibilidade de escape, mas não muita esperança. A cintura, por assim dizer, da ampulheta subia até a altura do peito do raptado, e os braços estendidos para cima, acompanhavam o angulo. Os únicos movimentos capazes de serem feitos, dobrar o interior do cotovelo até que as mãos cheguem à cabeça, e o reverso, não pareciam ajudar muito no escape. Embora sem espaço para pegar impulso, chutar as paredes de baixo era possível, apesar de parecer ineficaz. Forçado a ficar em pé e sem poder movimentar nada além dos 4 membros e um pouco da cabeça, o raptado não estava muito contente com a situação. A misteriosa iluminação vinha de cima e se estendia alguns poucos centímetros para além da prisão vítrea, em um círculo perfeito. O homem ficou lá por um período indefinido de tempo, ironicamente incapaz de contar a passagem das horas, até que, da escuridão que o cerceava, em um pequeno movimento sutil, uma mão posiciona uma pequena ampulheta com a ponta dos dedos o mais distante possível da cópia maior. O preso grita e exige ser liberto, porém o som ou é ignorado, ou retido pelo vidro. O homem decide se debater e tentar fazer o máximo de som, ou dano à sua prisão, possível, e bate e chuta o quanto consegue. Jogando sua cabeça para cima e urrando para sua imagem refletida, ele volta o olhar para a pequena ampulheta à sua frente e percebe seus detalhes. É uma cópia, idêntica em cada sentido, seja na peculiar estrutura, seja nos materiais dourados e vidrados, seja na pequena imagem modelada no que parece ser plástico do homem raptado, dentro dela e na mesma exata pose, refletindo o

desespero e a raiva que agora se acumulam. E, enquanto o homem observa o escárnio em miniatura a sua frente, ele nota um pequeno e mísero grão de areia caindo do minúsculo teto de ouro, escorrendo entre a cintura do pequeno boneco e da ampulheta, e se acumulando junto a um pé. E simultaneamente, um maciço floco de uns dois por dois centímetros irregulares cai da versão maior de seu teto, escorre entre sua cintura e a da ampulheta, e se acumula perto a seu pé. Ele encara a areia com pânico redobrado, e sua mente começa a divagar. O floco de areia é grande demais, semi-translúcido, diferente da areia normal. O homem move suas pernas para tentar pisotear o grão, mas antes disso um novo cai ao lado do primeiro. O homem congela. Entendendo o objetivo do mecanismo, ele grita, pede, implora, mas sua única resposta é mais um grão de areia. Ele começa a contar. O quarto grão cai, quase flutua, até o chão. O quinto para no topo de sua cabeça. O sexto passa por trás de seu corpo, e encontra o chão com dificuldade. O sétimo, o oitavo, o nono, o décimo, décimo primeiro, segundo, terceiro, o homem desmaia. Ele acorda para ver que não tem mais o movimento das pernas. Com o corpo soterrado até a altura do umbigo naqueles grandes e pesados grãos, o homem olha para sua pequena ampulheta mais a frente e vê que o minúsculo boneco se encontra em uma situação igual. O homem suspira, e percebe um cheiro que não tinha percebido antes. Algo salino, forte, e ele não consegue identificar imediatamente, conforme a tensão volta a crescer. Ele acorda novamente para um gordo grão de areia que bate em seu nariz antes de encontrar seus irmãos na altura do umbigo. O homem se sacode, força a areia contra o material, mas ele sai imaculado, sem sequer um arranhão. O homem, entretanto, esfola um pouco de pele e o contato arde como o fogo do inferno. A fome, a dor e o desespero forçam suas pálpebras fechadas. Ele acorda ao mover o pescoço e perceber que a areia o soterrou completamente. Extremamente desesperado, ele se sacode, gritando, e a areia cai de sua pequena organização cônica e se espalha pelo resto da parte superior da ampulheta. O raptado tinha dormido, ou desmaiado, por tempo demais. A partir de agora, cada grão de areia que caísse estaria roubando um minuto de sua vida. O homem tinha que escapar agora, se fosse para continuar vivo. Ainda à sua frente, na luz, a miniatura o encarava,

igualmente enterrada. O homem joga a cabeça para trás, e sente que seus movimentos já começam a ser ameaçados. Tenta mexer os braços e se lembra de como o único movimento possível é inútil para auxiliar na fuga. Ele se recusa a desmaiar, irá continuar lutando, não deixará o medo dominar-lhe, e não se lembra de ceder, porém o acordar é acompanhado de salinos grãos esfregando-se contra o pescoço e queixo. Ele grita. Urra. Berra, chora, lamenta, implora, pede, repete. Mas ninguém o salva, ninguém toma piedade do homem na ampulheta. A pequena figura à sua frente recita um Ohm blasé demais para ser ouvido, e a areia quebra e explode a pequena figura de vidro, libertando o pequeno homem da prisão, que se levanta e anda até seu irmão maior e grita que ele está morto, e que não há nada que se pode fazer, enquanto o áureo reflexo da Ampulheta brilha no chão, e sua cor passa ao Âmbar, e à Ametista, e à Esmeralda, retornando ao Citrino dourado do reflexo original, cedendo ao negro de mais um apagão. O Homem acorda com os grossos pedaços de sal-grosso dentro de sua boca, e esfregando-se contra seus olhos. Sua visão retorna, lentamente, à realidade pós-sonho, e examina ambas as ampulhetas. A pequena, intacta, cheia de areia. A dele, gigante, cheia de blocos salinos com arestas serrilhadas. Ele agora sabe o que são, contra a vontade, porém à vontade da gravidade. Não há mais espaço para outro grão, e ainda assim ele cai e ajeita todos os outros na Ampulheta. E mais um. E outro. A pressão, a força que eles exercem com o enorme peso para o pequeno tamanho começa a ser demais para os ossos. Até que o vidro se rompe. Ele explode no glorioso som da liberdade, simultaneamente com a pequena ampulheta, espalhando vidro, areia e sal por todo o pequeno círculo de luz. O Homem respira fundo, puxando todo o ar que lhe faltara, e olha ao seu redor. Os discos de ouro jogados no chão, os cacos de vidro. Ele não sabe quem ou o que planejou aquilo, e nem nunca descobriria. Mas ao mínimo estava vivo. E mais, estava liberto.